JEAN GENET

Diário do Ladrão

Tradução de Miguel Serras Pereira

MINOTAURO

O uniforme dos forçados é às riscas rosas e brancas. Se, comandado pelo meu coração o universo em que me comprazo, o escolho, tenho pelo menos o poder de nele descobrir os inúmeros sentidos que quero: *existe portanto uma relação estreita entre as flores e os forçados*. A fragilidade, a delicadeza das primeiras são da mesma natureza que a brutal insensibilidade dos outros.[1] Se tiver de representar um forçado — ou um criminoso —, enfeitá-lo-ei de tantas flores que ele próprio ao desaparecer debaixo delas se tornará outra, gigante, nova. A caminho daquilo a que se chama o mal, persegui por amor uma aventura que me conduziu à prisão. Se nem sempre são belos, os homens votados ao mal possuem as virtudes viris. Por eles mesmos, ou pela escolha por eles feita de um acidente, enterram-se com lucidez e sem queixas num elemento reprovador, ignominioso, semelhante àquele em que, se é profundo, o amor precipita os seres.[2] Os jogos eróticos descobrem um mundo inominável que a linguagem nocturna dos amantes revela. Uma linguagem assim não se escreve. Segreda-se à noite ao ouvido, numa voz rouca. Ao romper do dia

---

[1] A minha perturbação é a oscilação entre umas e outros.

[2] Falo do forçado ideal, do homem no qual se encontram todas as qualidades de punido.

esquece-se. Negando as virtudes do vosso mundo, os criminosos aceitam desesperadamente organizar um universo interdito. Aceitam viver nele. O ar é aí nauseabundo: eles sabem respirá-lo. Mas — os criminosos estão longe de vós — como no amor afastam-se e afastam-me do mundo e das suas leis. O deles cheira a suor, a esperma e a sangue. Por fim, à minha alma sedenta e ao meu corpo propõe a devotação. É porque possui estas condições de erotismo que me encarnicei no mal. A minha aventura, nunca pela revolta nem pela reivindicação comandada, não será até hoje mais do que um longo acasalamento, carregado, complicado por um pesado cerimonial erótico (cerimónias figurativas que conduzem à colónia de trabalhos forçados e a anunciam). Se é a sanção, a meus olhos também a justificação, do crime mais imundo, será o sinal do aviltamento mais extremo. Este ponto definitivo ao qual a reprovação dos homens conduz deparar-se-me-ia como o lugar ideal do acordo amoroso mais puro, quer dizer, o mais turvo em que se celebram ilustres bodas de cinzas. Desejando cantá-los utilizo o que me oferece a forma da mais requintada sensibilidade natural, que o vestuário dos forçados já suscita. Além das suas tonalidades, pela sua rugosidade, o seu pano evoca certas flores cujas pétalas são ligeiramente felpudas, pormenor suficiente para que à ideia de força e de vergonha eu associe o que é por natureza precioso e frágil. Esta aproximação, que me informa a meu respeito, a outro espírito não se imporia, o meu não pode evitá-la. Ofereci pois aos forçados a minha ternura, quis nomeá-los com nomes encantadores, designar os seus crimes com, por pudor, a metáfora mais subtil (sob cujo véu não ignorasse a sumptuosa musculatura do assassino, a violência do seu sexo). Não é através desta imagem que prefiro representar-mos na Guiana: os mais fortes, que se entesam, os mais «duros», velados pelo tule do

mosquiteiro? E cada flor em mim depõe uma tão grave tristeza que todas devem significar o pesar, a morte. Foi pois em função da colónia de forçados que busquei o amor. Cada uma das minhas paixões me fez esperá-la, entrever, oferece-me criminosos, oferece-me a eles ou convida-me ao crime. Enquanto escrevo este livro os últimos forçados regressam a França. Os jornais anunciam-no-lo. O herdeiro dos reis experimenta um vazio semelhante se a república o priva da sagração. O fim das colónias de trabalhos forçados impede-nos de aceder com a nossa consciência viva às regiões míticas subterrâneas. Cortaram-nos o movimento mais dramático: o nosso êxodo, o embarque, a procissão sobre o mar, que se cumpria de cabeça baixa. O regresso, a mesma procissão às avessas já não têm sentido. Em mim mesmo a destruição das colónias de trabalhos forçados corresponde a uma espécie de castigo do castigo: castram-me, operam-me à infâmia. Sem a preocupação de decapitar os nossos sonhos das suas glórias despertam-nos antes de tempo. As prisões centrais têm o seu poder: não é o mesmo. É menor. É delas banida a graça elegante, um pouco vergada. A atmosfera é lá tão pesada que temos de nos arrastar debaixo dela. Rastejar. A dureza das centrais é mais hirta, mais negra e severa, a grave e lenta agonia das colónias de trabalhos forçados era, da abjecção, uma consumação mais perfeita.[3] Por fim, inchadas agora de machos maus, as centrais enegrecem com eles como com um sangue carregado de gás carbónico. (Escrevo «negro». O vestuário dos detidos — cativos,

[3] A sua abolição priva-me a tal ponto que em mim mesmo e para mim mesmo, secretamente, recomponho uns trabalhos forçados, piores do que os da Guiana. Acrescento que das centrais se pode dizer «à sombra». A colónia de trabalhos forçados está ao sol. É numa luz cruel que tudo se passa, e não posso impedir-me de a escolher como signo da lucidez.

cativeiro, prisioneiros mesmo, palavras demasiado nobres para nos nomear — impõe-mo: é de burel castanho.) É para elas que irá o meu desejo. Sei que muitas vezes se manifesta uma aparência burlesca na colónia de trabalhos forçados ou na prisão. Sobre a base maciça e sonora dos socos a estatura dos punidos é sempre um pouco franzina. Estupidamente a sua silhueta quebra-se diante de um carro de mão. Diante de um guarda baixam a cabeça e seguram com a mão a grande capelina de palha — que os mais jovens ornam, querê-lo-ia eu, com uma rosa roubada concedida pelo guarda — ou um boné de burel castanho. Mantêm uma pose de humildade miserável. (Se lhes batem, alguma coisa contudo deve erigir-se neles: o cobarde, o falso, a cobardia, a falsidade são — mantendo-se no estado da mais dura, mais pura cobardia e falsidade — endurecidos por uma «têmpera» como o ferro macio é endurecido pela têmpera.) Obstinam-se no servilismo, não importa. Sem negligenciar os que são contrafeitos, retorcidos, são os mais belos criminosos que a minha ternura enfeita.

— Foi bem preciso — digo-me — que o crime hesitasse muito tempo antes de obter o sucesso perfeito que é o Pilorge ou o Anjo Sol. Para os acabar (o termo é cruel!) foi necessário o concurso de várias coincidências: à beleza do seu rosto, à força e à elegância do seu corpo tinham de se acrescentar o seu gosto pelo crime, as circunstâncias que fazem o criminoso, o vigor moral capaz de aceitar um tal destino, por fim o castigo, a crueldade deste, a qualidade intrínseca que permite que nele o criminoso resplandeça, e sobre tudo isto regiões obscuras. Se o herói combate a noite e a vence, que sobre ele fiquem pedaços dela. A mesma hesitação, a mesma cristalização de felicidades preside ao sucesso de um puro polícia. Acarinho uns e outros. Mas se amo o seu crime é pelo que ele contém de castigo, «de

pena» (porque não posso supor que a não tenham entrevisto. Um deles, o ex-pugilista Ledoux, respondeu sorrindo aos inspectores: «Os meus crimes, é antes de os cometer que poderia tê-los lamentado») em que quero acompanhá-los para que, de todas as maneiras, os meus amores sejam saciados.

Neste diário não quero dissimular as outras razões que me fizeram ladrão, das quais a mais simples foi a necessidade de comer, todavia na minha escolha nunca entraram a revolta, a amargura, a cólera ou qualquer sentimento semelhante. Com um cuidado maníaco, «um cuidado cioso», preparei a minha aventura como se prepara um leito, um quarto para o amor: entesei-me para o crime.